

## O ENSINO DO TEATRO E AS MÚLTIPLAS IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Juliana Tonin<sup>103</sup>  
Guaraci da Silva Lopes Martins<sup>104</sup>

Universidade Estadual do Paraná/Faculdade de Artes do Paraná

### Resumo

O presente artigo trata-se de uma pesquisa articulada ao Programa de Iniciação Científica, em que se buscou ampliar a reflexão sobre o teatro mediado pelas configurações de gênero e a gama de relações de poder associada a esse tema. Este trabalho pautou-se em fundamentação teórica e pesquisa de campo, mais precisamente no curso de extensão “O Teatro e as relações de Gênero”, do qual a autora fez parte como uma das integrantes. Esse curso proporcionou a vivência no espaço cênico de variadas situações marcadas pela discriminação contra determinados sujeitos; experiência que evidenciou a relevância do estudo dessa temática nos cursos de formação inicial e continuada.

**Palavras-chave:** teatro; educação; gênero; sexualidade; relações de poder.

### Abstract

This article discusses the articulated research in the scientific initiation program where it attempted to extend the reflection on theater mediated by gender configurations and the entire range of power relations associated with this theme. This article is guided by the theoretical foundation and field research, more precisely by the extension course: Theater and the Gender Relations, which the author took part as one of the members. This course provided the experience in various scenic situations marked by discrimination against certain individuals. This experience highlighted the relevance of the study of this subject in initial and ongoing formation courses

**Key words:** theater; education; gender; sexuality; power relations.

---

<sup>103</sup> Graduada em Turismo com ênfase em Ambientes Naturais pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/2006, aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes do Paraná/FAP e bolsista do Programa de Iniciação Científica-PIC/FAP sob a orientação da professora Dra. Guaraci Martins.

<sup>104</sup> Doutora em Artes Cênicas pela UFBA; Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná; docente da Faculdade de Artes do Paraná. Integrante do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada/UNESPAR; do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia/GeTec; membro do GT Pedagogia do Teatro & Teatro e Educação da ABRACE; e-mail: guaraci.martins@gmail.com

O presente artigo é o resultado do interesse em aprofundar a reflexão sobre as questões de gênero e as múltiplas sexualidades associadas ao ensino do teatro. Cabe informar que essa articulação foi uma proposta lançada no curso de extensão *O Teatro e as Relações de Gênero*, coordenado e ministrado pela professora Dra. Guaraci Martins, do qual fiz parte integrante como aluna. Ele foi ofertado no ano de 2011, com uma carga horária de sessenta horas, distribuídas em quarenta e cinco horas presenciais, acrescidas de quinze horas não presenciais, nas dependências da Faculdade de Artes do Paraná/FAP.

O curso contou, ainda, com a participação de professores das redes estadual e municipal de Curitiba e também de graduandos e egressos de distintos cursos de Artes da FAP. Esse momento culminou na elaboração do presente texto, cuja proposta é o aprofundamento da discussão reflexiva sobre a prática teatral associada aos fundamentos teóricos relacionados à educação, ao ensino do teatro e às teorias críticas sobre gênero e sexualidades.

A experiência acima mencionada foi fundamental no desenvolvimento desta pesquisa, atrelada ao Programa de Iniciação Científica da FAP, do qual fiz parte como bolsista, mais especialmente, por meio do projeto *O ensino do teatro e as múltiplas identificações de gênero e sexualidade*. O interesse sobre o objeto de estudo desta pesquisa está relacionado, também, ao contato com as leituras feministas com as quais me envolvi num período anterior ao ingresso na FAP.

Nesse trabalho sistematizado, lancei como objetivo geral a investigação da relevância do ensino do teatro mediado pelas relações de poder que permeiam as configurações de gênero no contexto do espaço da educação formal e não formal. Como metodologia, recorri à pesquisa com abordagem qualitativa, articulando a fundamentação teórica com a prática. Para tanto, fundamentei-me na pedagogia do teatro e nos estudos feministas e na teoria *queer*, com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre a relevância do processo cênico associado à construção das subjetividades. A pesquisa de campo fez parte integrante desta investigação, cabendo informar que, para a coleta de dados, utilizei o diário de bordo e um questionário com perguntas estruturadas e semiestruturadas que foi respondido pelas participantes na trajetória do curso.

Em geral, as redes de poder instaladas nas relações sociais tornam-se difusas se o olhar não é estimulado no sentido de entender e desmistificar os códigos sociais dominantes. Concordando com Daniela Auad (2003), é preciso o constante exercício do questionamento sobre discursos naturalizantes que permeiam a construção das identidades, em geral construídas, por meio de uma multiplicidade de estratégias que se materializam “em conceitos, normas e regras que transitam pela via dos discursos, enunciando verdades que se legitimam a partir da positividade das ciências e de sua representação, elaborada pelos homens”. (REIS, 2001, p.04)

Pois bem: com o meu ingresso no Curso de Artes Visuais da FAP, foi possível fortalecer minha compreensão sobre a importância da Arte no exercício da alteridade, fator necessário no processo de novas perspectivas de interações sociais. A Arte e sua capacidade de experimentação contribuem para o desenvolvimento da percepção do sujeito sobre o mundo artístico, estético e cultural, num exercício de interação consigo e com sua realidade. Ainda, a linguagem artística é um espaço profícuo para o desenvolvimento das capacidades expressivas e criativas.

Através da espontaneidade somos re-formados em nós mesmos. A espontaneidade cria uma explosão que por um momento nos liberta de quadros de referência estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teorias não digeridas e técnicas que são na realidade descobertas de outros. A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa. (SPOLIN, 1992, p. 4.)

A afirmação acima é um convite à reflexão sobre a relevância do processo artístico, capaz de modificar as pessoas na mesma medida em que ele amplia a capacidade das mesmas de modificarem o seu próprio contexto. A Arte propicia a oportunidade de o sujeito expressar, por meio do mundo fictício, as suas ideias e os seus próprios sentimentos e emoções em direção a novas percepções sobre aspectos extraídos de sua vida cotidiana.

A escola pode ser compreendida como um espaço fértil à implementação das condições necessárias para o questionamento das injustiças e das relações sociais de desigualdade. Destaca-se a fundamental importância de projetos políticos e pedagógicos voltados para a realidade social marcada por mecanismos que reforçam discursos excludentes, especialmente contra determinados sujeitos que contrariam os rígidos limites estabelecidos pela heteronormatividade.

A investigação científica vinculada ao PIC/FAP reforçou minha compreensão de que a escola caminha na contramão de uma educação libertária quando reforça ideias cristalizadas sobre as configurações de gênero, sexualidade e desejo. É oportuno lembrar que “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexuais, reprodutiva e médico-jurica.” (BUTLER, 2003, 41) Nesse contexto, determinadas escolas atuam com base em ações pedagógicas reprodutivistas de conteúdos sem qualquer vínculo com o pensamento crítico e transgressor.

Nessa perspectiva, a Arte é de fundamental importância o processo de desestabilização de modelos pedagógicos tradicionais norteados pela mera transmissão e recepção de conteúdos.

Contudo, para além de um mero entretenimento, tal como outras disciplinas que compõem a matriz curricular, essa área de conhecimento é de suma relevância para desenvolvimento de novos saberes, novas leituras de mundo. Destaca-se que as linguagens artísticas – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – possuem história, conteúdos e metodologia específicos, requerendo sua continuidade e sistematização no processo de ensino e aprendizagem.

Destaco que para Vic Vieira Granero (2011 p. 13), “o fazer teatral desperta os alunos para a observação de si mesmo e do outro, incita-os a aprofundar-se em suas próprias histórias de vida e desenvolver a capacidade de expressar seus sentimentos de forma positiva, com respeito e colaboração.” De fato, a experiência no curso de extensão me proporcionou a constatação de que esta linguagem artística possibilita o desenvolvimento da capacidade das pessoas ampliarem a própria percepção sobre novas possibilidades de interrelação social. Destaco ainda o trabalho em equipe que se fez presente em todo o percurso do mesmo, numa valorização do trabalho coletivo/colaborativo.

É oportuno acrescentar que os participantes envolvidos tiveram a oportunidade de articular a teoria com a prática teatral. Nesse momento, padrões de comportamento e papéis sociais vinculados às relações de gênero, assim como, as múltiplas possibilidades de construção das subjetividades dos corpos foram levadas para o espaço da cena. Concordo com Paulo Freire (2004), ao argumentar que na formação permanente dos professores faz-se necessária a reflexão crítica sobre a prática. Ao ampliar a percepção sobre as próprias ações e sobre as razões que o leva a agir de uma determinada maneira, o sujeito amplia também a sua potencialidade enquanto agente transformador. Ainda segundo o mesmo autor, a promoção da ingenuidade à crítica requer a curiosidade crítica, insatisfeita e indócil em um permanente movimento social de busca.

Esse curso contou também com a enriquecedora participação de alguns professores do quadro docente da FAP envolvidos com a área do teatro. Eles foram convidados pela professora Dr<sup>a</sup> Guaraci Martins, a fim de compartilharem suas pesquisas com os integrantes do curso. Naquele momento, fundamentados em teorias específicas, eles desenvolveram metodologias de teatro relevantes no processo de formação inicial e continuada das pessoas ali presentes. Abaixo, seleciono uma imagem, para ilustrar o processo cênico realizado, sempre permeado por debates sobre a temática central da proposta do curso.



**Registro fotográfico sobre o processo desenvolvido pelos participantes do Curso de Extensão “O Teatro e as Relações de Gênero”, realizado nas dependências da FAP no ano de 2011.**

Essa experiência evidenciou que o teatro é uma área de conhecimento que tem como uma das principais características a relação dialógica, e, por isso mesmo, proporciona a discussão reflexiva sobre variados assuntos e temas sociais. Ao longo de todo o curso, os padrões sociais e de comportamento rigidamente estabelecidos na sociedade heteronormativa foram problematizados. Em sua maioria, os participantes jamais haviam participado de propostas pedagógicas com enfoque nas relações de poder que atravessam a relação binária e hierárquica dos gêneros. Frequentemente, os processos cênicos evidenciaram ideias contrárias aos discursos elaborados pelos professores. Em geral, os docentes constataram tal incoerência somente ao longo das discussões orientadas pelas encenações desenvolvidas por eles mesmos.

Sabe-se que, em geral a mulher é taxada como sexo frágil, assim como os demais sujeitos que rompem com binarismos baseados em discursos naturalizantes são categorizados como desviantes de uma norma social estabelecida como inquestionável. Nesse contexto, a construção das identidades é marcada por ideias cujas raízes são entrelaçadas por “verdades” assimiladas pelo senso comum como inquestionáveis. De acordo com Guaraci Martins (2009), os tradicionais arranjos políticos e sociais tendem a teorias universais construídas no âmbito de relações de poder, quase sempre, em termos de oposição e subordinação.

Em geral, a escola dos dias atuais prepara os alunos para seguir as regras sociais, os conhecimentos básicos, os valores morais coletivos e os modelos de comportamento estabelecidos como adequados e inquestionáveis na sociedade. Em sua maioria, os professores encontram-se despreparados para lidar com esses questionamentos. Dessa maneira, atuam como meros reprodutores de conceitos que reforçam estereótipos no espaço da sala de aula. É oportuno lembrar que situações de homofobia ocorrem frequentemente no ambiente escolar, muitas vezes, culminando em violência moral, psicológica e física contra determinados sujeitos

cujos corpos desestabilizam a rígida divisão de papéis e de comportamentos sociais estabelecidos aos homens e às mulheres.

As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas e se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia. (LOURO, 2010, p. 27)

Em função da falta de conhecimento do professorado para a discussão mais aprofundada sobre o assunto no cotidiano escolar, faz-se urgente o investimento em projetos políticos e pedagógicos comprometidos com teorias críticas capazes de orientar o trabalho desse profissional. Cabe mencionar a relevância do curso de extensão “O Teatro e as Relações de Gênero”, na medida em que propiciou o questionamento de discursos excludentes que foram levados para a cena, a partir de improvisações, jogos dramáticos e teatrais desenvolvidos pelos docentes participantes. Acrescenta-se que o grupo, composto por pessoas que até então não tinham contato entre si, gradativamente se envolveu numa relação enriquecedora de troca de experiências e de conhecimento, num processo de integração individual e coletiva.

O prazer trazido pelo jogo, o enfrentamento de situações novas, o confronto consigo mesmo e com o grupo desenvolvem conhecimentos profundos no jogador, como a descoberta da alegria e de sua capacidade/poder de expressão e criação. O jogo dramático, a partir da improvisação, desenvolve conhecimentos adquiridos no nível da experiência e, dessa forma, potencializa a transformação de valores. (SOARES, 2006, p. 110)

De fato, o curso de extensão, que buscou a associação do teatro com as relações de gênero, possibilitou a problematização do corpo como algo produzido na e pela cultura. Dessa maneira, é possível afirmar a relevância daqueles encontros na medida em que viabilizaram o desenvolvimento de novas perspectivas analíticas relacionadas à construção dos corpos, as quais foram colocadas pelos participantes como objeto de estudo que pôde ser observado e analisado. Nessa perspectiva, como integrante do curso de extensão, constatei a importância dessa temática norteadada pelo teatro na formação docente inicial e continuada.

Destaco a urgência de projetos que possibilitem ações pedagógicas guiadas pelos variados marcadores de diferença que se inter-relacionam entre si, tais como gênero, sexualidade, classe social e etnia. Com a ampliação do questionamento dessas diferenças no contexto da diversidade, evidenciou-se o surgimento de novas percepções em torno da temática aqui abordada. Em sua

maioria, os participantes concordaram sobre a importância de espaços de discussão acerca das distintas maneiras de vivenciar os gêneros, a sexualidade e os desejos. Nesse sentido, faz-se necessária a inserção de programas pedagógicos com enfoque neste determinado aspecto sociocultural. Em geral, as crianças e os jovens inseridos em uma sociedade atravessada pela diferença interagem com a diversidade especialmente no espaço da escola. Nas falas dos participantes P1 e P8, respectivamente, lê-se o seguinte:

- Quanto mais estas questões forem discutidas na escola, conseguiremos gradativamente diminuir situações discriminatórias. Acredito que desta forma as crianças possam crescer mais abertas diante das questões trabalhadas neste curso.

- As questões de gênero são sempre colocadas de lado na educação. São assuntos evitados, pois se percebe que este tema permanece um tabu. Por esta razão, o desenvolvimento desse tema nos cursos de formação pode permitir um trabalho mais adequado sobre o assunto no espaço da sala de aula.

Concordo com o teor das falas mencionadas, pela consideração de que o questionamento sobre conceitos pautados em discursos excludentes faz-se necessário nas escolas, a fim de viabilizar o comprometimento com a garantia do estabelecimento dos princípios democráticos com uma educação libertária. Ainda hoje, determinadas pessoas sofrem os mais variados tipos de situações discriminatórias e excludentes nas diversas instituições sociais, incluindo-se o espaço da escola.

As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquias e exclusão. Os regimes de verdades estipulam que certos tipos de expressões relacionadas com o gênero são falsos ou carentes de originalidade, enquanto outros são verdadeiros e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmo os sujeitos que não se ajustam às idealizações (BENTO, 2006, p.94)

Entendo que a escola produz e reproduz conceitos na mesma medida em que também é um espaço profícuo para o estabelecimento de debates, em especial no que se refere à construção das identidades. Por outro lado, de acordo com Louro (2011, p. 84), “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”. Sendo assim, muitas vezes, aqueles alunos cuja orientação sexual tende à desestabilização das rígidas barreiras estabelecidas pela heteronormatividade são vítimas de variados tipos de situações discriminatórias na escola.

As transformações em curso na sociedade contemporânea abalaram uma série de certezas, afetando os diversos segmentos sociais, especialmente no que se refere às formas de pensar, de ser e de perceber as relações de gênero. Para Butler (2003, p. 212), “a partir de uma análise política da heterossexualidade compulsória, tornou-se necessário questionar a construção do sexo como binário, como um binário hierárquico.” Diante de tal consideração, a posição de dominação e hegemonia de um gênero sobre o outro passou a ser alvo de discussão acadêmica e política. Por outro lado, ainda há muitos desafios a serem superados para a produção efetiva de mudança, embora a mobilização e a atuação da sociedade civil, conjugadas com as políticas públicas nacionais, tenham alterado significativamente o cenário social sublinhado por um modelo de masculinidade e de feminilidade. Abaixo, seleciono a fala do participante P2, segundo o qual:

- Nós educadores muitas vezes não sabemos lidar com as frequentes situações discriminatórias com as quais convivemos ainda hoje no espaço da sala de aula. Isto acontece em função do nosso despreparo diante do assunto.

De fato, o despreparo docente sobre o assunto impede uma ação pedagógica efetiva para a desestabilização de discursos que em nada contribuem na perspectiva da cidadania e da democracia na sala de aula e na sociedade como um todo. No entendimento de Freire, “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” (FREIRE, 1996, p. 40). As representações e conceitos sociais são criados pelas próprias pessoas que atuam em seu contexto transformando-se e transformando a realidade circundante. De acordo com o mesmo autor (Ibid, 1996), as pessoas não nascem prontas, mas se constroem e se (re) constroem a cada momento. Nesse sentido, a educação se constitui como um instrumento de emancipação capaz de contribuir para que o indivíduo amplie o seu olhar sobre aquilo que é determinado socioculturalmente como normal e/ou anormal.

Na dimensão pedagógica do teatro, a discussão coletiva sobre o tema abordado nos jogos e improvisações teatrais é importante na prática docente comprometida com a formação do aluno/cidadão. O ensino do teatro nos espaços formais e não formais de educação possibilita o trabalho criativo e reflexivo pautado nas interações dos sujeitos em busca de novas soluções sobre determinados assuntos no espaço cênico. Nessa perspectiva, as aulas de teatro precisam ser “*um espaço imaginativo e reflexivo em que se pensem e se inventem novas relações sociais, dentro e fora da escola.*” (DESGRANGES, 2003, p.72). Ou seja, o processo cênico deve contribuir para a tomada de consciência das pessoas, nele envolvidas em direção à construção de novos conhecimentos refletidos na vida em sociedade.

Nenhuma fonte de conhecimento é em si mesma completa, sendo que a troca de informações é fundamental no processo de novas percepções sobre a realidade e suas representações, especialmente no que se refere às expectativas sociais decorrentes da coerência entre sexo, gênero, sexualidade e desejo. Para reforçar essa argumentação, destaco abaixo, o depoimento do participante P2.

- O teatro possibilitou à todos nós um melhor entendimento sobre as questões de gênero. O diálogo que esteve muito presente na maioria das nossas atividades contribuiu para discussões importantes para a desestabilização de discursos binários. Infelizmente, em geral essas questões estão à margem dos currículos da escola.

Destaco, que trabalho coletivo/colaborativo protagonizou as atividades realizadas pelos mesmos, numa demonstração de interesse e desejo de mudança, sempre permeada pela troca de informações. Seleciono, abaixo, um registro fotográfico para ilustrar essa argumentação.



**Registro fotográfico de uma das cenas desenvolvidas pelos participantes do Curso de Extensão “O Teatro e as Relações de Gênero”, realizado nas dependências da FAP no ano de 2011.**

No entendimento de Louro (2011, p. 125), “As desigualdades só poderão ser percebidas – e desestabilizadas e subvertidas – na medida em que estivermos atentos/as para suas formas de produção e reprodução.” O entendimento mais amplo sobre o caráter cambiante das identidades e sobre as múltiplas possibilidades do sujeito expressar o seu gênero e a sua sexualidade é de suma importância no processo de mudança, sobretudo, no que se refere a novas formas de os corpos se manifestarem e falarem sobre si.

Em sua pesquisa sobre as novas famílias, Luiz Mello (2005) refere-se à variedade histórica que evidencia as dificuldades de construção de conceitos gerais e unívocos de família e de casamento. O autor discute sobre o número cada vez maior de *gays* e *lésbicas* que decidem de

variadas formas tornarem pública a sua orientação sexual, na tentativa de superação da discriminação, “não omitindo de seus parentes, amigos, vizinhos e colegas de trabalho, a existência de um cônjuge do mesmo sexo em suas vidas, numa atitude claramente política”. (Ibidem, 2005, p.21)

As lutas políticas no que se refere ao reconhecimento de suas relações afetivo-sexuais estáveis como sendo de ordem familiar, é o resultado de questionamentos e transformações, importantes para a dissociação do exercício da sexualidade das demais esferas do casamento e da reprodução. Estas lutas evidenciam a compreensão da família e dos cônjuges como construções socioculturais dinâmicas e mutáveis. Concordando com Mello (2005), na transcendência dos limites das fronteiras, por meio de suas vivências amorosas e sexuais, muitos sujeitos acabam por desafiar os fundamentos básicos da normatividade social.

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. (LOURO, 2011, p. 32)

O conceito de família natural que dá visibilidade ao fenômeno da naturalização da família, principal estratégia utilizada pelo pensamento religioso no debate sobre questões de cidadania e sexualidade, é também uma obra de construção histórica. Nesse sentido, faz-se necessária a relativização de conceitos como o de casal, de casamento e de família para desta forma ampliar o entendimento do conceito família natural como uma construção social, política, histórica e cultural.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a orientação sexual é abordada pela vertente da promoção da saúde, mais precisamente em relação à prevenção da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis, com ênfase à infecção pelo HIV/AIDS. Para Martins (2009), os temas transversais: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo merecem o exercício constante da reflexão acerca das ideias lançadas sobre tais assuntos nesse documento que compõe os PCN's.

Por essa razão, os temas transversais tratados nesses documentos devem ser divulgados e incluídos nas atividades pedagógicas, especialmente no espaço da sala de aula. Entretanto, ainda segundo a mesma autora (Ibid, 2009), em especial a abordagem sobre gênero e sexualidade pautada no pensamento crítico e reflexivo, longe de se restringir à prevenção da gravidez ou à manutenção da saúde, requer o questionamento sobre os processos institucionais e discursivos definidores do que seria moral e/ou imoral, normal e/ou anormal.

Pensando no desenvolvimento de novas percepções sobre as múltiplas possibilidades de identificações de gênero, saliento a importância da compreensão do professor sobre o seu papel nesse processo de mudança. Entendo ainda que uma ação pedagógica que se quer crítica deve se pautar principalmente pela relação dialógica entre todos os envolvidos no processo de conhecimento, numa constante troca de informações entre docente e alunos. Importa mencionar que, ao longo do curso de extensão constatei o teatro é um terreno profícuo, para que as pessoas se coloquem no lugar do outro em um exercício de alteridade.

Considero a escola como um dos caminhos fecundos para a transformação social pautada na democracia, especialmente no que se refere à temática aqui abordada. Por outro lado, faz-se necessária o investimento em estratégias guiadas pela desestabilização de ideias que tendem à fixidez das identidades, em geral ancoradas nas diferenças sexuais anatômicas.

#### REFERÊNCIAS:

AUAD, Daniela. **FEMINISMO**: que história é essa? DP&A editora. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRANERO, Vic Vieira. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. (Org.) Guacira Lopes Louro. In: **Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. **“Encontro Marcado”**: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades em espaços de educação. Salvador: Tese de Doutorado em Artes Cênicas-UFBA, 2009-fls. 227.

MELLO, Luiz. **Novas famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

REIS, Maria A. G. de Souza. A sexualidade e os escolares da educação fundamental: entre a vontade de saber e o cuidado de si. In: **23ª Anped**, 2001, Caxambu. 23ª Reunião ANPEd, 2001. p. 177.

SOARES, Carmela. Teatro e educação na escola pública: uma situação de jogo. In: **Entre coxias e recreios**: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. (Org.) Renan Tavares. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Trad. Ingrid Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 1992.

TAVARES, Renan. O autor da criação coletiva em teatro na década de 1970. In: **Entre coxias e recreios**: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. (Org.) Renan Tavares. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.

ACEITE: 26/02/2013